

O aumento da automedicação em estudantes de medicina: uma revisão integrativa de literatura

The increase in self-medication in medical students: an integrative literature review

El aumento de la automedicación en estudiantes de medicina: una revisión integrativa de la literatura

Recebido: 24/05/2022 | Revisado: 11/06/2022 | Aceito: 12/06/2022 | Publicado: 20/06/2022

Amanda de Fátima Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5236-5787>
Centro Universitário de Patos de Minas, Brasil
E-mail: amandafatima@unipam.edu.br

Ana Beatriz Trindade Sousa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4401-5074>
Centro Universitário de Patos de Minas, Brasil
E-mail: anabeatriztrindadesousa@gmail.com

Bárbara Queiroz de Figueiredo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1630-4597>
Centro Universitário de Patos de Minas, Brasil
E-mail: barbarafigueiredo@unipam.edu.br

Giovanna Martins Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2502-2041>
Centro Universitário de Patos de Minas, Brasil
E-mail: giovannamartinssantos@hotmail.com

Matheus Magalhães Sousa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7599-5397>
Centro Universitário de Patos de Minas, Brasil
E-mail: matheusms@unipam.edu.br

Ranna Samara Fernandes de Resende

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9364-5649>
Centro Universitário de Patos de Minas, Brasil
E-mail: rannaresende@gmail.com

Paula Marynella Alves Pereira Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8998-8614>
Centro Universitário de Patos de Minas, Brasil
E-mail: paulamp@unipam.edu.br

Resumo

Introdução: A automedicação é definida pela OMS como a administração de fármacos sem a prescrição e o acompanhamento de um profissional, podendo gerar malefícios como intoxicação, alergias, dependência e o mascaramento de doenças evolutivas. A prática ocorre devido à precariedade do sistema de saúde e ao acesso à internet, tornando-se frequente nos universitários, principalmente os estudantes de medicina, os quais possuem maior autoconfiança devido ao estudo sobre farmacologia, acesso facilitado, contato direto com profissionais e falta de tempo para procurar auxílio médico. **Objetivo:** discorrer sobre o aumento da automedicação nos estudantes de medicina a partir de uma revisão de literatura. **Metodologia:** pesquisa descritiva do tipo revisão de literatura nos meses de março e abril de 2022. **Resultados e discussão:** a automedicação é facilitada atualmente devido a propagandas e internet, principalmente nos estudantes de medicina e ocorre devido à falta de fiscalização sobre comercialização sem prescrição. Os medicamentos mais utilizados por esse grupo são AINES, antibióticos e ansiolíticos, sendo este devido à rotina extenuante. Portanto, a automedicação é um ato que necessita ser evitado, pois apresenta consequências maléficas ao indivíduo, como prejuízos cognitivos, dependência e efeitos adversos.

Palavras-chave: Automedicação; Estudantes; Medicamentos.

Abstract

Introduction: Self-medication is defined by the WHO as the administration of drugs without the prescription and monitoring of a professional, which can generate harm such as intoxication, allergies, dependence and the masking of evolutionary diseases. The practice occurs due to the precariousness of the health system and access to the internet, becoming frequent in university students, especially medical students, who have greater self-confidence due to the study of pharmacology, easy access, direct contact with professionals and lack of time to seek medical help.

Objective: to discuss the increase in self-medication in medical students based on a literature review. **Methodology:** descriptive research of the literature review type in the months of March and April 2022. **Results and discussion:** self-medication is currently facilitated due to advertisements and the internet, especially among medical students, and occurs due to the lack of supervision over non-prescription marketing. The drugs most used by this group are NSAIDs, antibiotics and anxiolytics, which are due to the strenuous routine. Therefore, self-medication is an act that needs to be avoided, as it has harmful consequences for the individual, such as cognitive impairment, dependence and adverse effects.

Keywords: Self-medication; Students; Medicines.

Resumen

Introducción: La automedicación es definida por la OMS como la administración de medicamentos sin prescripción y seguimiento de un profesional, que puede generar daños como intoxicaciones, alergias, dependencia y el enmascaramiento de enfermedades evolutivas. La práctica se da por la precariedad del sistema de salud y el acceso a internet, siendo frecuente en estudiantes universitarios, especialmente de medicina, quienes tienen mayor autoconfianza por el estudio de farmacología, fácil acceso, contacto directo con profesionales y falta de hora de buscar ayuda médica. **Objetivo:** discutir el aumento de la automedicación en estudiantes de medicina a partir de una revisión de la literatura. **Metodología:** investigación descriptiva del tipo revisión de la literatura en los meses de marzo y abril de 2022. **Resultados y discusión:** la automedicación es facilitada en la actualidad por la publicidad e internet, especialmente entre los estudiantes de medicina, y ocurre por la falta de supervisión de los no -comercialización de medicamentos recetados. Los fármacos más utilizados por este grupo son los AINE, los antibióticos y los ansiolíticos, que se deben a la rutina extenuante. Por lo tanto, la automedicación es un acto que debe evitarse, ya que tiene consecuencias nocivas para el individuo, como deterioro cognitivo, dependencia y efectos adversos.

Palabras clave: Automedicación; Estudiantes; Medicamentos.

1. Introdução

Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), medicamentos são substâncias comercializadas que possuem como objetivo o alívio dos sintomas, a cura, a prevenção e a realização do diagnóstico de enfermidades (Freitas et al., 2022). Portanto, o efeito do medicamento é eficaz devido a uma ou mais substâncias químicas ativas, que possuem reconhecimento científico, as quais são denominadas nominadas como princípios ativos, fármacos ou drogas. Desse modo, para que ocorra o efeito desejado é de suma importância que eles sejam utilizados de maneira precisa, sob orientação médica ou farmacêutica (Behzadifar et al., 2020).

Decerto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) define automedicação como o ato de utilizar fármacos sem prescrição e acompanhamento realizado por um médico ou dentista. Além disso, é notório que a automedicação, de forma racional e orientada por um profissional de saúde, pode acarretar em vantagens, tanto para saúde dos que utilizam, quanto para economia do sistema de saúde. Contudo, é evidente a utilização de fármacos baseados somente em conhecimentos empíricos, o que é impulsionado pela precariedade do sistema de saúde no que tange a acessibilidade dos usuários, bem como o acesso à internet, uma vez que muitos cidadãos realizam seu próprio diagnóstico e tratamento, sem o auxílio de um profissional adequado (Behzadifar et al., 2020).

Dessa maneira, é notório que a automedicação pode gerar malefícios como a intoxicação, causada pela superdosagem de remédios pelo paciente ou pela exposição à substâncias químicas nocivas ao organismo, a alergias, que ocorrem quando o sistema imunológico reage de forma anormal a uma substância externa, a dependência, gerada pelo uso excessivo de medicamentos que pode gerar como consequência o vício, a resistência e a interação medicamentosa, que ocorre quando o medicamento reage com outro ou com alimentos, cigarros e bebidas alcoólicas (Telles Filho et al., 2013).

Ademais, a automedicação entre estudantes tem sido estudada em diversos países da Europa, América e Ásia, e em relação aos estudantes universitários, especialmente os da área da saúde, os estudos sinalizam para a alarmante frequência de automedicação. Neste grupo, principalmente os acadêmicos de medicina, tal prática se deve a fatores como a autoconfiança, advinda do conhecimento teórico e prático adquirido durante a graduação, o fácil acesso a medicamentos e fármacos, o contato direto com profissionais da área da saúde e até mesmo a falta de tempo para procurar assistência médica (Silva et al., 2012).

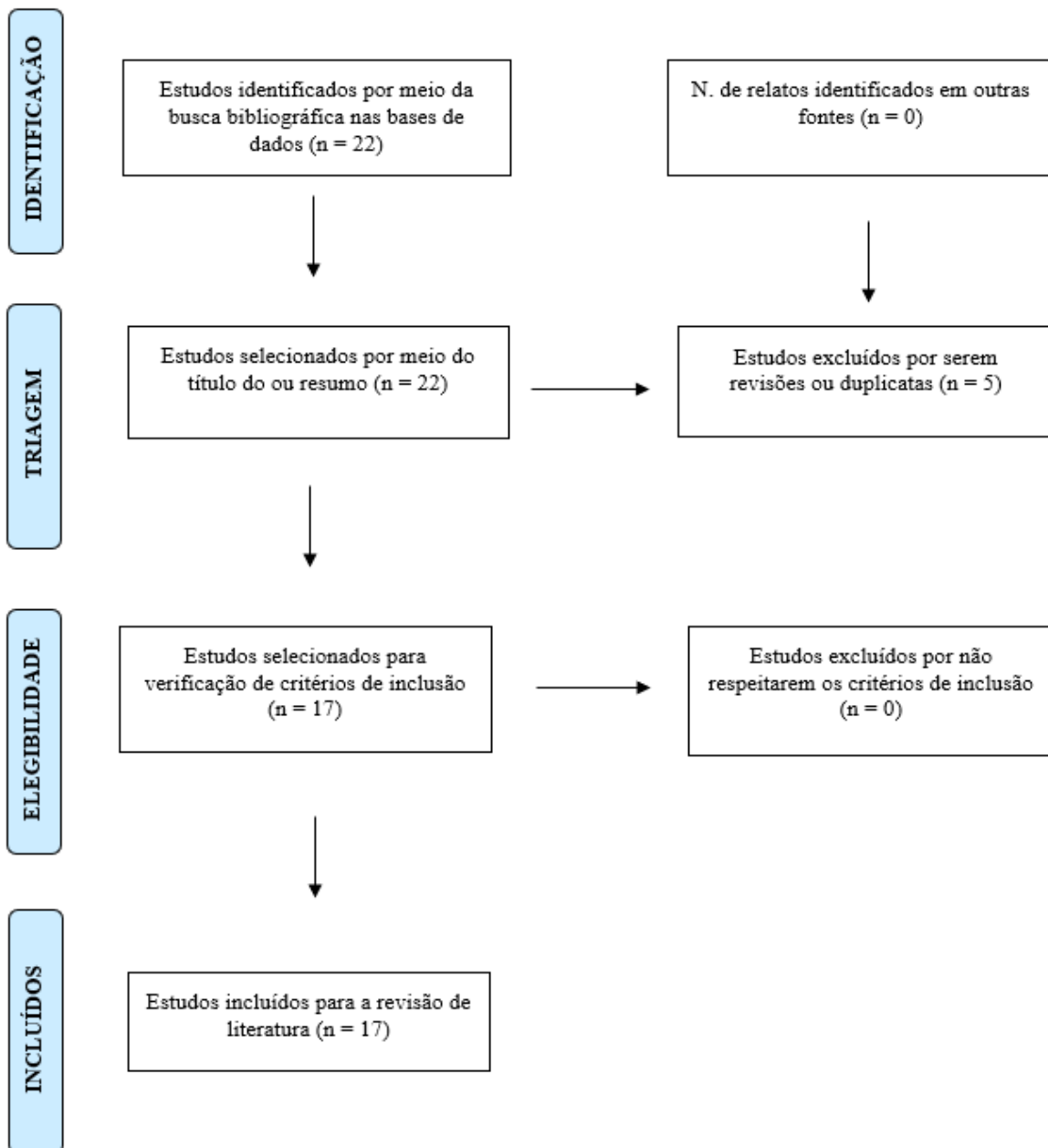
Desse modo, é evidente que o hábito de automedicação de maneira inadequada acarreta consequências indesejáveis e o mascaramento de doenças evolutivas, o que se configura, portanto, em uma atividade a ser prevenida (Surdi et al., 2022). A partir dessa problemática, relevante à saúde pública, faz-se importante desenvolver meios e métodos que possam orientar com cautela sobre os riscos do uso indiscriminado de medicamentos. Portanto, este estudo tem como objetivo discorrer acerca do fenômeno do aumento da automedicação em estudantes de medicina, por meio de uma revisão integrativa de literatura.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva do tipo revisão integrativa da literatura, em que se buscou responder a pergunta sobre a relação entre a automedicação e estudantes de medicina. A pesquisa foi realizada por meio do acesso online nas bases de dados *National Library of Medicine* (PubMed MEDLINE), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Cochrane Database of Systematic Reviews* (CDSR), *Google Scholar*, *Biblioteca Virtual em Saúde* (BVS) e *EBSCO Information Services*, nos meses de março e abril de 2022. Para a busca das obras foram utilizadas as palavras-chaves presentes nos descritores em Ciências da Saúde (DeCS): em inglês: "*Self Medication*", "*Prevalence*" e "*Medical students*", e em português: "*Automedicação*", "*Prevalência*" e "*Estudantes de Medicina*".

Como critérios de inclusão, foram considerados artigos originais, que abordassem o tema pesquisado e permitissem acesso integral ao conteúdo do estudo, publicados no período de 2012 a 2022, em inglês e português. O critério de exclusão foi imposto naqueles trabalhos que não estavam em inglês ou português, que não tinham passado por processo de Peer-View e que não se relacionassem com a temática proposta. A estratégia de seleção dos artigos seguiu as seguintes etapas: busca nas bases de dados selecionadas; leitura dos títulos de todos os artigos encontrados e exclusão daqueles que não abordavam o assunto; leitura crítica dos resumos dos artigos e leitura na íntegra dos artigos selecionados nas etapas anteriores. Após leitura criteriosa das publicações, 5 artigos não foram utilizados devido aos critérios de exclusão. Assim, totalizaram-se 17 artigos científicos para a revisão integrativa da literatura, com os descritores apresentados acima, conforme elucidado pelo Diagrama 1.

Diagrama 1: Etapas de seleção de artigos para esta pesquisa.



Fonte: Autores, 2022.

3. Resultados e Discussão

Os principais fatores que colaboram para a permanência da automedicação, apesar da legislação criada há quase vinte anos, seria a influência da propaganda, uso de prescrições antigas, orientação de amigos e familiares, armazenamento de medicamentos em casa, além da cultura do autocuidado com a saúde (de Lima et al., 2022). Caracteriza-se pelo uso e consumo de medicamentos sem a supervisão e prescrição por um profissional de saúde, para tratar seus próprios sintomas, principalmente gripe, inflamações e insônias. No entanto, na maioria das vezes, a automedicação é feita por medicamentos aprovados e disponíveis à população, em que não há necessidade da presença de receitas médicas. Diversas são as causas da prática de automedicação: armazenamento domiciliar dos fármacos, facilidade de comercialização, mas principalmente a

cultura e a comodidade acostumada em fazer tal atitude. Todavia, intoxicações medicamentosas tornam-se uma consequente preocupação, visto que muitos indivíduos podem desenvolver reações adversas irreparáveis, até a morte (Xavier et al., 2021).

Hodiernamente, nota-se que esse comportamento é comumente praticado por estudantes da área médica, muitas das vezes devido uma autoconfiança adquirida durante o curso, que pode impedir um diagnóstico correto de uma doença grave ou a detecção de uma infecção de grande importância nesses indivíduos (Xavier et al., 2021; Melo et al., 2019). As principais classes de medicamentos utilizados são os anti-inflamatórios não esteroidais (AINES), como nimesulida, diclofenaco e naproxeno, bem como antibióticos (amoxicilina) e ansiolíticos (como clonazepam e diazepam) (Lima et al., 2016).

Aliado a isso, segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), órgão brasileiro que organiza e proíbe a venda de medicação sem prescrições médicas, os antibióticos são os segundos medicamentos mais automedicados, ficando atrás apenas dos anti-inflamatórios. Ademais, resultados de estudo de Gama et al. (2017) concluíram que esse uso indiscriminado de fármacos é facilitado pela falta da eficácia de fiscalização sobre comercialização sem apresentação de receitas. Todavia, o acesso a essas drogas são de uma facilidade maior para os universitários, pelo acesso direto aos médicos e seus receituários. Porém, antes da prescrição, não é realizada uma consulta eficiente e capaz de verificar corretamente tal possível diagnóstico, beneficiando a automedicação.

Outra classe muito utilizada pelos estudantes de medicina, que foram sintetizados na década de 50, ao acaso, e hoje caracterizam-se como um dos medicamentos mais utilizados mundialmente devido sua segurança quanto a toxicidade e efeitos adversos são os psicotrópicos que agem como hipnóticos, sedativos, estabilizadores de humor, ansiolíticos e anticonvulsivantes. Esses medicamentos modulam o sistema nervoso central provocando alterações no pensamento, na percepção e emoção, e, são endo assim, muito indicados para pessoas que sofrem de ansiedade, epilepsia e insônia, condições essas que muitos estudantes da área da saúde sofrem (de Lima et al., 2019).

O sono é um fenômeno necessário para à manutenção da existência humana e exerce uma função fundamental para consolidação da memória, normalização endócrinas, termorregulação, restauração da energia e do metabolismo basal. Sendo assim, a qualidade de vida do indivíduo é completamente afetada quando há uma desregulação do sono, que, na maioria das vezes, estão relacionadas às crises de ansiedade, rotinas estressantes ou algum tipo de trauma psicológico. Portanto, a desregulação da fisiologia existencial possui causas precipitantes, ligado a fatores estressantes. O aumento do tempo para iniciar o sono, chamado de latência, é seriamente desregulado em pessoas com insônia e depressão, apresentando com padrões de sonos fragmentados, despertares noturnos, cansadas e sonolentas durante o dia (Ribeiro et al., 2014).

Essas mudanças são bastante relatadas por médicos e acadêmicos de medicina, e se deve ao extenso e complexo currículo que sobrecarrega os estudantes até atingirem um esgotamento mental e físico. A exigência de cumprir aulas teóricas e práticas, monitorias, trabalhos e provas, provoca uma mudança de hábitos no indivíduo, que acontece antes mesmo de ingressar na faculdade, durante a preparação para o vestibular. A abdicção de momentos e lazeres, a rotina monótona voltada aos estudos, a pressão de familiares questionando sua capacidade de atingir o tão sonhado curso, são fatores condicionantes para desencadear sintomas de depressão estresse e ansiedade (Silva et al., 2012).

Um estudo transversal realizado com indivíduos entre 18 e 35 anos, quanto a idade, cor de pele e estado civil, apresentou que mulheres de 18 a 23 anos, brancas, solteiras são mais acometidas a desenvolverem depressão, ansiedade e insônia, quando comparados a homens do mesmo grupo (Nascimento et al., 2019). Nessa conjuntura e visto que o número de mulheres nos cursos de medicina são cada vez maiores, a incidência dessas doenças aumenta drasticamente no Brasil e consequentemente, o uso de benzodiazepínicos também (Nunes et al., 2016).

Outrossim, a carga horária aporrinhante faz com que os futuros médicos não possuam tempo para determinados lazeres e cuidados com a saúde, como a pratica de exercícios e uma alimentação adequada (Brito et al., 2021). Esse fato, diverge com o que é pregado aos pacientes em consultas durante atendimentos ambulatoriais e estudado em tutorias e

conferências. Essa realidade, que persiste a muito tempo, estremece o bem-estar do acadêmico em prol do bem-estar do paciente (Lima, 2019).

Os psicofármacos mais utilizados de modo indiscriminado, são os benzodiazepínicos (clonazepam, diazepam) e os fármacos Z (zolpidem, zaleplon e zopiclona). O consumo dessa classe de medicamentos por universitários, é ainda mais agravante e facilitado, devido ao baixo custo, o contato direto com profissionais que prescrevem tais substâncias para “facilitar” a defrontação diária do universitário, que acaba cedendo a recursos medicamentosos e não buscam outros meios para o tratamento dos agravantes (Badiger, 2012; Aquino et al., 2016).

Outro fator que agrava ainda mais o uso de benzodiazepínicos por estudantes de medicina é a falsa idealização de conseguir controlar o uso com maior facilidade do que os pacientes e a expectativa de conseguir realizar o desmame do medicamento quando quiserem. Porém, o que ocorre é totalmente o contrário, tornando-se dependentes e provocando uma questão de saúde pública, devido, principalmente, facilitar a prática de suicídio, juntamente com os antidepressivos (Lima et al., 2016; Albuquerque et al., 2015), pois embora sejam seguros em dose e tempo adequados, apresentam efeitos adversos que provocam prejuízos ao indivíduo.

No entanto, mesmo em doses terapêuticas normais e tempo de tratamento adequado (04 a 06 meses), os usuários podem apresentar-se com sonolência, confusão mental, amnésia e falta de coordenação, depressão respiratória e sono prolongado (Freitas et al., 2022). Porém, o mais alarmante para acadêmicos é a tolerância e o uso prolongado dessas medicações, que podem provocar prejuízos cognitivos, como a dificuldade de concentração e memórias de longo e curto prazo prejudicadas (Cortez et al., 2017).

4. Considerações Finais

A precariedade do sistema de saúde brasileiro aliado à facilidade de obter-se informações sobre medicamentos na internet são propulsores para a automedicação, em especial, entre acadêmicos de medicina, os quais possuem agravantes que são a facilidade de acesso aos fármacos, falta de tempo para procurar assistência adequada, o convívio com professores que para evitarem o incômodo do estudante procura-lo para obtenção de medicamentos prescrevem sem saber os detalhes do caso, bem como a crença dos estudantes de que são capacitados a fazerem diagnósticos e prescrições antes de terminarem o curso.

Nesse contexto, inúmeros são os malefícios da automedicação entre eles está a dependência química e o mascaramento de doenças potencialmente graves. Entre os principais fármacos utilizados pelos acadêmicos estão os anti-inflamatórios não esteroidais, antibióticos como a amoxicilina e ansiolíticos da classe dos benzodiazepínicos como clonazepam e Diazepam e os fármacos Z, que são o zolpidem, zaleplon e zopiclona, Os psicofármacos são usados indiscriminadamente entre os alunos de medicina devido à pressão por excelência acadêmica e pela rotina do curso com uma carga horária muito extensa, por isso buscam na automedicação um caminho mais rápido para aliviar o estresse em vez de procurar por meios mais seguros e ainda acreditam terem controle sobre o uso e não serem passíveis de uma dependência medicamentosa.

Referências

- Albuquerque, L. M. A., et al. (2015). Avaliando a automedicação em estudantes de medicina da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). *Medicina & Pesquisa*, 1 (1), 39-50.
- Aquino, D. S., et al. (2016). A automedicação e os acadêmicos da área da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15 (5), 2533-2538.
- Badiger, S. (2012). Self-medication patterns among medical students in South India. *Australasian Medical Journal*, 5 (4), 217-220.
- Behzadifar, M., et al. (2020). Prevalence of self-medication in university students: systematic review and meta-analysis. *Eastern Mediterranean Health Journal*, 26 (7), 846-857.
- Brito, J.R., et al. (2021). *Consumo de ansiolíticos e antidepressivos: uma análise sobre o uso entre estudantes de medicina*. Trabalho de Conclusão de Curso de Medicina – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 1-42.

- Cortez, E. A., et al. (2017). Promoção à saúde mental dos estudantes universitários. *Revista Pró-UniverSUS*, 8 (1), 48-54.
- de Lima, M. M., et al. (2019). Uso de benzodiazepínicos por acadêmicos de medicina: uma revisão de literatura. *Saúde integral: da teoria à prática vol. II*, 306-320.
- de Lima, R. M., et al. (2022). Anti-inflamatório não Esteróides (AINEs) e automedicação. *Research, Society and Development*, 11 (5), 1-11.
- Freitas, P. H. B., et al. (2022). Perfil de qualidade de vida e saúde mental de estudantes universitários da área da saúde. *Research, Society and Development*, 11 (1), 1-10.
- Gama, A. S., et al. (2017). Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas–Brasil. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 38 (8), 56-61.
- Lima, M. (2019). *Uso de benzodiazepínicos por acadêmicos de medicina do ITPAC PORTO*. Trabalho De Conclusão De Curso (Graduação Em Medicina) - FAPAC – Faculdade Presidente Antônio Carlos, 1-100.
- Lima, T. A. M., et al. (2016). Análise de potenciais interações medicamentosas e reações adversas a fármacos anti-inflamatórios não esteróides entre idosos. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 19(3), 533- 544.
- Melo, P. C. G., et al. (2019). A percepção de acadêmicos dos cursos de medicina e odontologia sobre o uso de psicofármacos. Dissertação (Mestrado em Pesquisa em Saúde) - Centro Universitário CESMAC,1-52.
- Nascimento, C. S., et al. (2019). Avaliação da automedicação entre estudantes de medicina de uma instituição de ensino de Alagoas. *Revista de Medicina da USP*, 98 (6), 367-373.
- Nunes, B. S., et al. (2016). Efeitos colaterais atribuídos ao uso indevido e prolongado de benzodiazepínicos. *Saúde & ciência em ação*, 2 (2), 71-82.
- Ribeiro, C. R. F., et al. (2014). O impacto da qualidade do sono na formação médica. *Rev Soc Bras Clín Méd*, 12 (1), 8-14.
- Silva, R. C. G., et al. (2012). Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. *Revista de Medicina da USP*, 45 (1), 5-11.
- Surdi, K. C., et al. (2022). Benzodiazepínicos: uma breve revisão narrativa sobre o uso inadequado e possíveis resultados adversos associados. *Archives of Health*, 3 (2), 435-440.
- Telles Filho, P. C. P., et al. (2013). Automedicação em idosos: um problema de saúde pública. *Revista de Enfermagem da Universidade Estadual do Rio de Janeiro*, 21 (2), 1-6.
- Xavier, M. S., et al. (2021). Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura. *Brazilian Journal of Health Review*, 4 (1), 225-240.